

METAMORFOSES DO ESPAÇO E DA DOCÊNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID

Ana Luiza Tomazi Pereira ¹

RESUMO

Este relato apresenta minha experiência de iniciação à docência como bolsista do subprojeto PIBID, desenvolvido na EMEF Nacilda de Campos, em Bauru, com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental. A proposta pedagógica foi fundamentada na obra *As metamorfoses do espaço habitado*, de Milton Santos, que ampliou minha compreensão do espaço para além do visual, incorporando dimensões sensoriais, históricas e sociais. Busquei conectar o conteúdo curricular à realidade dos alunos, promovendo reflexões sobre o espaço urbano e civilizações antigas por meio de imagens da cidade, debates e análises comparativas, favorecendo maior engajamento e participação. Optei por uma abordagem qualitativa, priorizando a escuta ativa, a observação direta e a adaptação constante das estratégias pedagógicas, de modo a contemplar a pluralidade das turmas, dificuldades na alfabetização e dispersão dos estudantes. A experiência evidenciou que o papel do professor deve ser ressignificado como mediador do conhecimento, em que práticas inclusivas, flexíveis e dialógicas são essenciais para uma educação humanizada, sensível às necessidades individuais e coletivas. A integração de recursos visuais, discussões e atividades contextualizadas mostrou-se fundamental para promover aprendizagens significativas, destacando a importância da criatividade, da sensibilidade e da reflexão constante na prática docente.

Palavras-chave: PIBID, docência, Milton Santos, desafios

INTRODUÇÃO

A tese de Milton Santos sobre a metamorfose do espaço habitado foi escolhida pelos coordenadores Roger e Flávia como tema do projeto, justamente pela relevância de trazer sua visão geográfica para o ensino fundamental II em diálogo com a História. A proposta buscava inserir as ideias do geógrafo nas grades curriculares, incentivando os alunos a desenvolver uma interpretação intertextual do espaço e da realidade em que vivem.

Ao ingressar no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de História, vislumbrei a possibilidade de vivenciar a prática docente de forma

¹ Graduanda do Curso de História da Unisagrado - Centro Universitário Sagrado Coração, altp0050407@gmail.com;



concreta e significativa. Minha expectativa inicial era compreender melhor os desafios enfrentados pelos professores na educação básica e, ao mesmo tempo, contribuir para a formação crítica dos estudantes. A escola onde realizei as atividades está localizada em um bairro marcado por vulnerabilidades sociais, afastado do centro urbano e com infraestrutura limitada. Esse contexto periférico molda diretamente a experiência escolar. A instituição, nesse cenário, acaba assumindo um papel que vai além do ensino formal, funcionando também como espaço de acolhimento e proteção.

Quanto ao perfil dos estudantes, nota-se uma diversidade de trajetórias. Parte deles apresenta lacunas de aprendizagem que poderiam ser trabalhadas com reforço e acompanhamento mais próximo. Outros, porém, enfrentam dificuldades crônicas de aprendizagem que demandariam recursos especializados, muitas vezes indisponíveis na rede pública. Essa heterogeneidade torna o trabalho docente ainda mais desafiador, exigindo estratégias flexíveis para atender tanto quem precisa apenas de apoio pontual quanto quem necessita de intervenções mais profundas. Some-se a isso a relação delicada entre escola e família, em que muitos responsáveis acompanham pouco a trajetória escolar dos filhos, reduzindo a escola a um espaço de guarda mais do que de formação.

Minha escolha pela licenciatura em História sempre esteve vinculada ao desejo de promover uma educação conectada à realidade dos estudantes, que os ajude a compreender o mundo e a se posicionar nele. O PIBID, nesse sentido, representou uma ponte entre a teoria universitária e a prática da sala de aula. Ao longo do projeto, percebi como o ensino de

História pode estimular o pensamento crítico, valorizar identidades e fomentar o protagonismo juvenil. O tema proposto pelos coordenadores foi, a princípio, um desafio. Parecia quase impossível trabalhar uma proposta de forte caráter intertextual diante das limitações de interpretação apresentadas pelos alunos. Neste relato, busco narrar como enfrentei essas dificuldades, quais estratégias utilizei e de que forma consegui construir, dentro do possível, um espaço de aprendizagem colaborativa, relacionando o conhecimento histórico ao cotidiano e às vivências dos estudantes.

Mais do que descrever atividades, o que compartilho aqui são experiências, reflexões e aprendizados que marcaram minha formação docente. O PIBID não apenas aproximou teoria e prática, mas também me ajudou a entender melhor os obstáculos e potências da nova geração.

de alunos, mostrando a importância de uma educação crítica, contextualizada e voltada para o indivíduo.

METODOLOGIA

Durante minha participação no subprojeto do PIBID na EMEF Nacilda de Campos, com turmas do 6º ano, construímos uma metodologia voltada à integração da teoria e da prática, com foco em estratégias pedagógicas acessíveis e significativas para os alunos. A abordagem adotada foi qualitativa, centrada na observação direta, na escuta ativa e na constante adaptação das atividades às necessidades e interesses da turma.

O processo inicial consistiu no planejamento de atividades didáticas diversificadas, como palavras cruzadas e aulas com apresentações de slides, permitindo observar as reações dos estudantes a diferentes recursos. Percebe-se que aulas baseadas exclusivamente na exposição oral resultavam em dispersão e baixo engajamento. Essa constatação levou à necessidade de ampliar os recursos visuais utilizados, incorporando vídeos, imagens projetadas e mapas, de modo a contextualizar o conteúdo curricular e despertar o interesse dos alunos.

Em um primeiro momento, meu foco foi colaborar com a professora na abordagem dos conteúdos de História, disciplina que apresentava defasagens significativas devido às dificuldades de concentração e ao ritmo de aprendizagem da turma. A utilização de recursos visuais possibilitou tornar os conceitos mais concretos e próximos da realidade dos estudantes, promovendo maior participação e interação durante as aulas.

Posteriormente, planejamos uma aula expositiva voltada ao tema proposto pelos coordenadores do subprojeto: a tese de Milton Santos. O objetivo dessa atividade foi complementar o entendimento do conteúdo curricular do 6º ano, sem desvincular o tema central das demais disciplinas. A aula foi organizada em etapas: inicialmente, apresentei a trajetória de Milton Santos e sua tese, destacando o conceito de “metamorfose” como símbolo de transformação. Busquei explicitar esse conceito de maneira próxima à realidade dos alunos, promovendo a compreensão do conteúdo de forma concreta e significativa.

Na etapa seguinte, promovemos uma discussão sobre como os alunos percebiam a ideia de metamorfose em sua própria realidade social e cultural. Para isso, utilizei uma atividade de análise comparativa de imagens projetadas via datashow, mostrando fotografias antigas e atuais

da cidade de Bauru. Essa estratégia permitiu que os estudantes identificassem transformações nos espaços urbanos, incluindo vestimentas, meios de transporte e alterações ambientais, promovendo uma reflexão sobre mudanças sociais e culturais ao longo do tempo. Entre as imagens analisadas, a da Casa Lusitana, localizada na Batista de Carvalho, em Bauru, destacou-se por gerar maior engajamento, pois os alunos conseguiram identificar facilmente detalhes históricos e compará-los com a realidade contemporânea.

Figura 1- Batista de carvalho antes



Foto: Reprodução/A Bauru Que Não Vivi

Figura 2- Batista de Carvalho atualmente



Foto: Ricardo Domiciano.

Ao apresentar as fotografias da Casa Lusitana para a turma, os alunos conseguiram realizar uma leitura crítica das transformações observadas, identificando avanços tecnológicos, mudanças no transporte público e alterações nas vestimentas. Surgiu, então, a questão sobre a história do prédio, momento em que expliquei que anteriormente abrigava um importante comércio de secos e molhados e, posteriormente, foi transformado em loja de telefonia. Essa discussão permitiu aos estudantes refletir sobre a evolução dos tipos de comércio e sua relevância social ao longo do tempo. Questões sobre a preservação arquitetônica do edifício levaram à explication do tombamento pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru (CODEPAC-Bauru) em 2011, destacando a importância de conservar o patrimônio histórico e cultural da cidade.

O reconhecimento de locais familiares propiciou discussões mais amplas sobre mudanças urbanas e sociais. A atividade foi ampliada com comparações entre imagens de civilizações antigas, como o Egito e a Fenícia, retomando aspectos sociais e culturais previamente discutidos em sala. Foram utilizados vídeos e ilustrações históricas, permitindo aos alunos observar transformações tecnológicas, alterações na paisagem e mudanças nos hábitos religiosos, como a transição do politeísmo egípcio para a predominância do islamismo na contemporaneidade. Essas análises estimularam a leitura crítica de fontes visuais e favoreceram a compreensão de processos de metamorfose cultural e social em diferentes contextos históricos.

Para consolidar a aprendizagem, propus uma atividade escrita na qual os alunos registraram suas observações e reflexões sobre as metamorfoses discutidas. Esses registros serviram como ferramenta de avaliação do nível de compreensão, permitindo identificar dificuldades relacionadas à leitura, escrita e atenção, e orientar intervenções pedagógicas futuras.

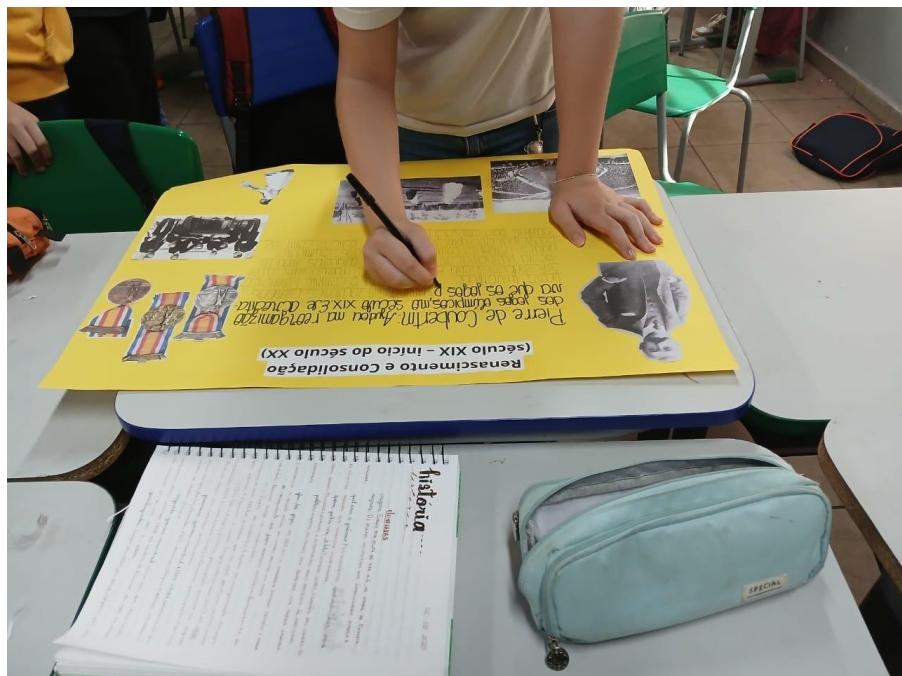
Posteriormente, aproveitando a realização de uma feira cultural na escola, propusemos uma exposição com o tema “Metamorfoses da civilização grega: Transformações das Olimpíadas”. As aulas foram planejadas para contextualizar cultural e religiosamente a Grécia Antiga e as origens das Olimpíadas. Utilizamos vídeos e trechos de filmes, como *Percy Jackson e o Mar de Monstros* e *Tróia*, para apresentar a mitologia grega, a figura de deuses e semideuses, e suas características dentro da narrativa histórica e mitológica.



Complementarmente, foram realizadas atividades práticas e artísticas: De forma individual, cada aluno produziu um desenho de um dos oito deuses da mitologia grega trabalhados em aula. As produções incluíram breves legendas explicativas, favorecendo a apropriação do conteúdo por meio de uma abordagem criativa. Em seguida, as aulas sobre as Olimpíadas antigas abordaram origem, importância social e cultural, e reflexões sobre vivências e percepções desses eventos ao longo da história.

Para consolidar o aprendizado, os alunos produziram cartazes e murais que representassem os marcos das Olimpíadas desde a Antiguidade até o mundo contemporâneo. Durante a atividade, receberam orientação para a montagem, mas mantiveram autonomia para organizar os cartazes conforme a compreensão individual e os materiais fornecidos, incentivando criatividade, engajamento e apropriação do conteúdo. Observou-se, ainda, diferenças entre turmas: o 6º ano A apresentou maiores dificuldades de concentração e cópia de conteúdo, enquanto o 6º B teve melhor desempenho na escrita, porém enfrentou desafios de atenção.

Figura 3 – Produção de cartaz.



Fonte: Elaboração própria (2025)



No caso do 6º ano A, diante das dificuldades significativas de escrita e produção textual, optou-se por uma abordagem mais artística, combinada com atividades interpretativas. Trabalhou-se o conceito da tocha olímpica e sua importância histórica na Grécia Antiga, bem como seu significado na contemporaneidade. Para isso, os alunos assistiram a um vídeo breve, de aproximadamente três minutos, que explicava a origem e os significados da tocha olímpica. Posteriormente, solicitaram-se respostas escritas sobre o significado da tocha na antiguidade e atualmente.

Apesar de ser uma atividade simples, muitos alunos apresentaram dificuldade em expressar suas ideias por escrito, necessitando de repetições do vídeo e explicações detalhadas para compreensão. Observou-se também a ocorrência de erros ortográficos relacionados à escrita fonética e sinais claros de diferentes necessidades educacionais, como distúrbios de aprendizagem, TDAH ou DI. Embora alguns alunos contem com apoio fora da escola, a maior parte permanece sem recursos ou diagnósticos que facilitem o aprendizado.

Para complementar a atividade escrita e proporcionar uma experiência prática e lúdica, os alunos formaram duplas e receberam uma tocha olímpica impressa em formato A3, que deveriam decorar utilizando papel crepom e pintura. Essa abordagem artística permitiu que os estudantes se engajassem de maneira concreta e criativa com o conteúdo, favorecendo a compreensão do tema a partir de múltiplas linguagens.

Figura 4— Produção artísticas das tochas



Fonte: Elaboração própria (2025)

Ao longo de todo o processo, tornou-se evidente a importância da constante adaptação das estratégias pedagógicas, considerando as dificuldades individuais, a diversidade de ritmos de aprendizagem e a ausência de recursos de apoio. A metodologia adotada buscou conectar o conteúdo escolar à experiência cotidiana dos alunos, promovendo aprendizagens significativas e respeitando o tempo e o ritmo de cada turma.

Essa experiência evidenciou que o ensino exige flexibilidade, escuta ativa e sensibilidade, ressaltando a necessidade de compreender quem são os alunos e de que forma aprendem, permitindo que todos participem de maneira efetiva do processo educacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica que orientou a construção deste trabalho foi a obra *As metamorfoses do espaço habitado*, de Milton Santos, geógrafo brasileiro reconhecido por sua contribuição crítica à compreensão do espaço urbano e das relações sociais que o constituem. Sua abordagem interdisciplinar permite articular geografia, história, sociologia e outras áreas do conhecimento, oferecendo ferramentas para uma leitura mais profunda e sensível do mundo vivido.

A intertextualidade emerge quando Santos conecta categorias como paisagem, território e lugar a dimensões sociais e históricas. Ao afirmar que o espaço contém o movimento, ele não está apenas descrevendo uma dinâmica física, mas sugerindo que o espaço são uma narrativa em curso — uma escrita coletiva que envolve sujeitos, objetos e temporalidades.

Milton Santos propõe que o espaço não seja somente um palco onde se desenrolam os fenômenos sociais, mas sim uma entidade viva, moldada e modeladora das relações humanas. Essa concepção amplia a percepção do espaço, permitindo que o aluno compreenda que o ambiente em que vive é resultado de múltiplas ações humanas e transformações históricas.

A consistência entre forma e conteúdo se revela na maneira como Santos articula os conceitos de fixos e fluxos. Os fixos — edifícios, infraestruturas, objetos — são a forma visível do espaço, enquanto os fluxos — pessoas, informações, mercadorias — são o conteúdo que dá sentido e função a essa forma. Essa dualidade é essencial para compreender o espaço como uma totalidade dialética, onde o visível e o invisível se entrelaçam.

Outro conceito central da obra é o de “metamorfoses”, que se refere às transformações constantes do espaço habitado, provocadas pelas ações humanas ao longo do tempo. Essa ideia foi essencial para a proposta pedagógica desenvolvida, pois permitiu que os alunos interpretassem as mudanças em seu entorno com um olhar mais crítico e contextualizado, compreendendo que o espaço é dinâmico e carregado de significados.

Ao aplicar os princípios de Santos na sala de aula, dentro do contexto da disciplina de História, tornou-se evidente que o espaço urbano é simultaneamente resultado e produtor de relações sociais. Essa compreensão fundamentou teoricamente o subprojeto e serviu como ponte entre o conteúdo curricular e a vivência cotidiana dos estudantes, tornando o aprendizado mais significativo e conectado à realidade.

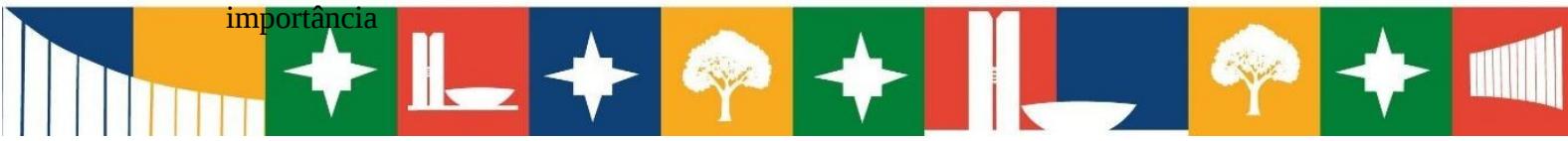
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da experiência vivenciada no subprojeto do PIBID, foi possível identificar e sistematizar os principais achados empíricos que emergiram da prática em sala de aula. Um dos desafios mais evidentes foi a dificuldade dos alunos em manter a atenção durante as aulas. A dispersão era constante, especialmente em atividades que exigiam maior concentração ou tempo de escuta. Essa dificuldade parece estar relacionada ao perfil da geração atual, marcada pelo uso intenso de tecnologias e pela busca por estímulos rápidos. Muitos alunos demonstravam interesse inicial, mas rapidamente desviavam o foco para assuntos populares da internet ou conversas paralelas.

Apesar disso, atividades que envolviam imagens da cidade de Bauru e locais conhecidos pelos alunos geraram maior engajamento. Quando os conteúdos se aproximavam da realidade deles, a participação aumentava, revelando a importância de contextualizar o ensino com elementos do cotidiano.

Durante o período de regência, ficou evidente a variedade das turmas do sexto ano, tanto em termos de desempenho quanto de necessidades específicas. Em ambas as salas, havia alunos que haviam repetido o ano letivo, estudantes com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), Deficiência Intelectual (DI), Paralisia cerebral e outros que estavam em processo de avaliação para possíveis transtornos de aprendizagem. Essa realidade complexa exigiu uma atenção redobrada na elaboração das aulas, despertando em mim a consciência da

importância





de adaptar os conteúdos de forma acessível e baseada na equidade. A experiência reforçou a urgência de práticas pedagógicas que considerem as singularidades dos alunos, promovendo um ambiente de inclusão e respeito às diferentes formas de aprender.

Outro ponto observado foi a presença de lacunas significativas no processo de alfabetização. Durante as atividades escritas, muitos alunos apresentaram dificuldades com a escrita de palavras básicas, construção de frases e interpretação de textos simples. Esses desafios impactaram diretamente a capacidade de expressar reflexões mais complexas sobre os temas trabalhados. As limitações indicam problemas estruturais no processo de ensino-aprendizagem, que vão além da disciplina de História. A baixa proficiência em leitura e escrita compromete a apropriação dos conteúdos e exige que o docente desenvolva estratégias de apoio e adaptação constante.

Apesar das dificuldades, alguns alunos conseguiram demonstrar avanços na forma como observavam o espaço ao seu redor. A comparação entre imagens antigas e atuais da cidade, bem como a análise de civilizações antigas e modernas, permitiu que eles identificassem elementos de transformação, como mudanças na arquitetura, nos meios de transporte e nas vestimentas. Essas observações indicam que, mesmo diante de limitações, é possível promover uma leitura crítica do espaço quando se utiliza uma abordagem sensível, contextualizada e interdisciplinar. Por fim, a experiência evidenciou que, mesmo diante de limitações estruturais e pedagógicas, é possível promover avanços na formação crítica dos alunos quando se adota uma postura flexível e sensível às suas necessidades. A escuta ativa, o uso de recursos visuais e a contextualização dos conteúdos foram elementos-chave para superar barreiras e construir um ambiente de aprendizagem mais significativo. Esses resultados apontam para a necessidade de repensar práticas docentes e investir em estratégias que dialoguem com o perfil da nova geração, marcada por múltiplos estímulos e formas de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho proporcionou não apenas a aplicação de conteúdos previstos no planejamento, mas também uma oportunidade valiosa de reflexão sobre a prática docente e os efeitos das metodologias utilizadas em sala de aula. Ao longo das atividades desenvolvidas, foi possível observar que os alunos apresentaram maior envolvimento e participação em aulas.

expositivas dialogadas, nas quais se estabelecia uma relação mais horizontal entre docente e discentes, com espaço para escuta, troca de ideias e construção coletiva do conhecimento.

Em contrapartida, as aulas conduzidas de forma tradicionalista, centradas na exposição oral do professor e na escrita na lousa, revelaram-se menos eficazes em termos de engajamento, resultando em comportamentos de dispersão e desinteresse por parte dos alunos. Essa percepção emergiu de forma espontânea durante a prática, evidenciando a necessidade de repensar as estratégias didáticas adotadas no cotidiano escolar.

Diante dessa experiência, comprehende-se que o papel do professor precisa ser constantemente ressignificado, especialmente no que se refere à didática. O docente não deve limitar-se à função de transmissor de conteúdos, mas assumir uma postura de mediador, capaz de promover situações de aprendizagem que dialoguem com os contextos socioculturais dos alunos e estimulem sua autonomia intelectual. A didática, nesse sentido, deve ser entendida como um campo flexível e adaptável, que exige sensibilidade, criatividade e constante atualização.

Nesse contexto, é pertinente recordar as palavras de Paulo Freire, em entrevista concedida ao programa Escola Viva, da TV Cultura, quando questionado sobre o que é ensinar e aprender:

Se eu te ensino algo, é porque eu aprendi e continuo a aprender ao ensinar. [...] Toda vez que a gente se orienta no sentido de entender o ensinar como se fosse a transferência mecânica de um pacote deste lugar para aquele, como se eu tirasse um pacote de dentro de mim e colocasse no corpo dos educandos, isso é um absurdo. Isso não é tarefa de gente, essa é tarefa de coisas. (FREIRE, 1993).

Essa fala reforça a ideia de que o ato de ensinar é inseparável do ato de aprender, e que a educação deve ser compreendida como um processo dialógico, vivo e humanizador. Conclui-se, portanto, que a formação docente deve contemplar não apenas o domínio dos conteúdos curriculares, mas também o desenvolvimento de competências didáticas que favoreçam práticas mais significativas, participativas e inclusivas. A experiência vivenciada reafirma a importância





de uma abordagem pedagógica centrada no diálogo, na escuta ativa e na valorização dos saberes dos alunos, elementos essenciais para a construção de uma educação mais humanizada e eficaz. Para o futuro, levo comigo o desejo de continuar atuando com responsabilidade social, buscando práticas pedagógicas que dialoguem com os estudantes e que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa. Acredito que projetos como o PIBID devem ser fortalecidos e ampliados, pois representam uma oportunidade única de formação docente e de valorização da escola pública. Finalizo este relato com gratidão pela experiência vivida e com a certeza de que ela deixou marcas profundas na minha trajetória como futura professora.

REFERÊNCIAS

- LUIZ, Luana Fernanda.** Resenha de: SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. *Movimentação: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados*, Dourados, v. 5, n. 9, p. 180–182, 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/6981/4773> Acesso em: 14 ago. 2025.
- SANTOS, Milton.** *Metamorfoses do espaço habitado*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- TV Cultura.** *Escola Viva entrevista Paulo Freire*. [S. l.]: YouTube, 2021. (Programa produzido em 1993). Disponível em: <https://youtu.be/bwvHZJLfhYE>. Acesso em: 14 ago. 2025.